

(INI) AMIGOS DA INFÂNCIA

“Hoje não se dispõe nem do tempo nem do espaço necessário para se constituir uma alma”.

Julia Kristeva

Quando falamos em infância, referimo-nos a um tempo fundamental para a constituição do psiquismo que deixa atrás de si muitas marcas e potencialidades na alma humana. Tempo onde o desamparo aponta de forma indelével a importância da relação com o outro humano.

A transformação social e histórica, considerada por Castoriades como a mais importante da época contemporânea, refere-se à mudança da situação da mulher e do seu papel na sociedade, mudança que em si não é nem amiga nem inimiga da infância, mas nos convida a ocupar-nos dos efeitos que ela tem gerado. Este tema me permite abordar algumas questões que tenho estudado e observado na clínica.

Tomo como ponto de partida o fato de que a constituição do psiquismo, proposta por Freud, e vigente, se produz hoje na inter-relação com funções parentais que se apóiam em outras bases, outros ideais, o que faz com que encontremos nuances muito diversos no exercício da parentalidade, bem como no espaço da criança. Entretanto, algumas questões permanecem importantes quando falamos de uma criança e seus pais. A escolha de ter um filho faz com que o casal precise realizar um movimento que considero bastante complexo que é o de adaptar seus projetos pessoais a um projeto conjunto, pois, a parentalidade segundo Pereda, e concordo com ela plenamente, exige “verdadeiros compromissos libidinais”, ou seja, um contato afetivo e efetivo com o filho.

Neste sentido, o fato da mulher aceder a outros espaços de tramitação e inclusive de ancoragem narcísica, pode ser muito amigo da infância atual, (saliento que vou utilizar como “amigos” elementos que considero facilitadores da infância e “inimigos” os dificultadores), uma vez que pode representar para a criança uma mãe mais satisfeita com as possibilidades ampliadas de expressão da sua feminilidade podendo gerar também ampliações com relação aos recursos que conte para a maternidade.

O homem, por sua vez, com a saída da mulher, pode encontrar um espaço mais aberto para exercer uma paternidade mais próxima também no espaço do lar. Ambas situações podem ser muito ricas para todos.

Entretanto, observa-se situações onde o incremento de ideais fálico - narcisistas faz com que a criança deixe de ser um projeto vital e compartilhado pelo casal. Nestes casos observa-se por parte dos pais dificuldades em abrir mão de ideais da juventude e de criar novas composições para uma vida adulta com filhos. Tem aumentado o número de casais que optam por não terem filhos. No caso de ocorrerem as dificuldades acima, em casais que tiveram filhos, deparamo-nos com o fenômeno descrito por Pereda - uma presença ausente dos pais, condição que gera dificuldades bem importantes para a criança.

Neste compasso, a criança acaba ingressando cada mais cedo no mundo social e os pais vinculando-se cada vez mais ao mundo do trabalho. Este é um ponto bem importante da questão! Se há um tempo atrás circulou intensamente a frase -“não importa tanto a quantidade de tempo, mas a qualidade”- frase quem sabe importante para o universo feminino que convivia com a culpa pelo início de uma mudança, hoje considero importante que se possa acrescentar a ela uma ressalva: mas há um mínimo de tempo , inclusive quantitativamente falando, necessário de presença dos pais! Precisa-se de tempo, de convivência afetiva e efetiva para que se possa amar e também odiar!

Acredito que a contemporaneidade nos convida a tentar encontrar um equilíbrio entre presença/ausência que tem que ser próprio de cada família, pois, tanto o excesso

de presença quanto o excesso de ausência potencializam dificuldades importantes em termos da constituição do psiquismo.

Hoje encontramos crianças onipresentes, que vão aos mais variados lugares com os pais anulando-se a divisão entre espaços de crianças e espaços de adulto. Também encontramos crianças carregadas desde cedo para uma infinidade de lugares – casa dos avós, escolinhas, aulas de judô, natação, balé, etc... Crianças que estão em muitos lugares e muitas vezes não estão em lugar algum.

Encontramos o que vou chamar de pais-avós que diante do pouco tempo com os filhos acabam assumindo a postura que antes destinava -se aos avós – a complacência. “Eu fico tão pouco com meu filho e no pouco tempo que fico ainda vou ter que brigar?” escuta -se muitas vezes... Encontramos também a onipresença dos pais que acreditam que como o tempo é pouco deve ser destinado exclusivamente para se dedicar ao filho gerando uma confusão entre estar junto e disponibilidade absoluta.

Num mundo onde tudo parece ser possível de ser obtido de forma mágica e rápida, presencia-se confusão:

- Entre necessidade e desejo;
- Entre ser e ter;
- Entre as gerações. O borramento da diferença geracional leva a um fenômeno interessante: a idealização da criança. No caso de algumas famílias onde a criança hoje é muito poderosa (decidindo acerca de questões cruciais da família que é regida pelos seus desejos e caprichos infantis), encontramos também o outro lado da moeda, ou seja, uma criança extremamente desamparada tendo que lidar com questões para as quais não dispõe de recursos. Além disto, a anulação da assimetria acaba por prejudicar também um aspecto que é fundamental da mesma, a função de cuidar.

Desamparo...Vazio...Prato cheio para ser preenchido por objetos, principalmente numa cultura sintônica com esta questão. Observa-se que até o brinquedo hoje tem se tornado mercadoria para ser consumida e não para ser jogada. A possibilidade de criar os próprios brinquedos já há algum tempo vem sendo substituída pelos brinquedos prontos, mas ainda se preservava a alegria e o prazer de jogar com eles. Hoje tenho observado que nem se cria o brinquedo e nem se cria o prazer, o lúdico que acaba sendo instaurado cada vez mais em transferência, em psicanálise com crianças, espaço terapêutico que propõe e dispõe de tempo e de espaço para constituir uma alma...

Gostaria de finalizar com algumas palavras de Pelento quando se refere á intensificação do uso da tatuagem na contemporaneidade. Segundo a autora, a tatuagem representa o desejo de ter algo do qual não possa ser despojado e salienta que a necessidade de marcar algo no próprio corpo tem sua razão na cultura atual:

- Se desconfia da eficácia do simbólico, se os contatos estão cada vez mais diminuídos, cada vez mais fugazes, se supõe que as palavras são levadas ao vento e as imagens mentais se evaporam com grande velocidade, se pode compreender que nossos adolescentes/crianças desejem marcas duradouras...

Marina Bangel Marchaki